

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AREOSA
PORTO 2019

**GRANDES ETAPAS
DA
HISTÓRIA DA SALVAÇÃO**

ÍNDICE

1 - BÍBLIA

- 1.1 - DIVISÃO E NÚMERO DE LIVROS
- 1.2 - CÂNON
- 1.3 - LÍNGUAS ORIGINAIS
- 1.4. - INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA
- 1.5. - GENEROS LITERÁRIOS

2-GÊNESIS

- 2.1 A CRIAÇÃO
- 2.2 O PECADO ORIGINAL
- 2.3 A DECADÊNCIA DA HUMANIDADE

3 – OS 3 PATRIARCAS DO POVO JUDEU

- 3.1 - ABRAÃO
- 3.2 - ISAAC E JACOB

4 – JOSÉ

5 – MOISÉS

6 – A ALIANÇA DE DEUS COM O SEU POVO

- 6.1 - A ALIANÇA NO DESERTO
- 6.2 - O SANGUE DA ALIANÇA
- 6.3 - A FIGURA EXEMPLAR DE MOISÉS

7 – O PERÍODO DOS JUÍZES

8 – O REINO DE ISRAEL

- 8.1 - O PRIMEIRO REI: SAÚL
- 8.2 - O REI DAVID
- 8.3 - O REI SALOMÃO

9 – PROFETAS

- 9.1 - AMÓS (Reino do Norte)
- 9.2 - ISAÍAS (Reino do Sul)
- 9.3 - JEREMIAS
- 9.4 - EZEQUIEL

10 - REGRESSO A JERUSALEM - O TEMPLO E A LEI

- 10.1 -DANIEL

1 - BÍBLIA

A Bíblia é uma colectânea de Livros cuja unidade consiste no argumento comum e na origem sobre-humana. É de "Livros Santos" que a Bíblia se compõe, porque dentro da sua grande variedade eles coincidem em tratar de religião, tendo um objectivo essencialmente religioso. Chamam-se "Livros Santos" ou "Sagrados porque, como ensinam a Fé - tanto judaica como cristã - não foram escritos por simples talento humano, mas sob a influência de inspiração divina especial.

É desta origem sobrenatural que a Bíblia recebe a sua dignidade de "livro por excelência" e o seu lugar único na vida dos povos que tiveram a supremacia na civilização.

1.1 - DIVISÃO E NÚMERO DE LIVROS

Com o nome de Bíblia, compreendem-se pois, os Livros sagrados da religião cujo centro é Jesus Cristo. Partindo deste ponto de convergência, a Bíblia divide-se em duas séries desiguais a primeira anterior a Jesus Cristo e a segunda posterior. A primeira chama-se "Antigo Testamento" e a segunda "Novo Testamento".

O Antigo Testamento é constituído por 46 Livros agrupados em 4 classes:

1.1.1 - Pentateuco ou os cinco livros de Moisés

Genesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronomio

1.1.2. - Livros históricos

Josué, Juízes, Tobias, etc.

1.1.3. - Livros sapienciais, didácticos ou poéticos

Salmos, Provérbios, Sabedoria de Salomão, etc

1.1.4. - Livros proféticos

Isaías, Jeremias. Ezequiel, Lamentações, etc.

O Novo Testamento é constituído por 27 Livros, apresentando em primeiro lugar os Quatro Evangelhos. Por razões práticas, desde os primeiros séculos da nossa era, cada Livro foi dividido em secções de várias extensões, conforme sistemas bastante diversos para lugares e épocas.

Para eliminar os inconvenientes dessas antigas divisões e facilitar o estudo uniforme, foi introduzida, no século XIII, a divisão em capítulos de extensão mediana que chegou aos nossos dias. Mais tarde, no século XVI, os mesmos capítulos foram divididos em versículos.

1.2 - CÂNON

O elenco oficial dos Livros chama-se "Cânon". O Cânon católico composto por 73 Livros foi formado no século IV. Para a integridade do Cânon não importa a ordem dos Livros excepto o primeiro lugar reservado constantemente, no Antigo Testamento, ao Pentateuco, e no Novo Testamento, aos Evangelhos. No restante, os manuscritos, os autores e os catálogos oficiais das igrejas diferem muito entre si.

1.3 - LÍNGUAS ORIGINAIS

O Novo Testamento foi escrito em grego; só o Evangelho de S. Mateus teve uma primeira redação em aramaico, a qual porém, se perdeu sem deixar vestígios; em lugar dela temos uma redação grega.

Quanto ao Antigo Testamento temos três idiomas originais. A maior parte chegou até nós em língua hebraica, sendo o grego e o aramaico as restantes línguas utilizadas.

1.4. - INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA

Os Livros da Bíblia são considerados sagrados pela Igreja, não por serem considerados compostos por actividade puramente humana tendo depois recebido por Ela aprovação, mas por considerar que foram escritos sob inspiração do Espírito Santo. (cf. 2 Pedro 1:21)

Os Livros sagrados têm por autor o próprio Deus e como tal foram confiados à Igreja. Portanto, toda a palavra da Bíblia é ao mesmo tempo palavra do homem (*escritor*) e palavra de Deus (*Espírito Santo*). Tudo aquilo que o autor sagrado afirma e enuncia deve considerar-se como afirmado e enunciado pelo Espírito Santo.

Desta assistência especial que Deus presta ao Homem (*Inspiração*) segue-se necessariamente que, não podendo Deus enganar-se nem enganar, os Livros inspirados são isentos de qualquer erro. Este é o princípio da inerrância absoluta.

1.5. - GENEROS LITERÁRIOS

A Bíblia é um Livro antigo composto de muitas partes escritas por diversos autores, em línguas e estilos diferentes e dirigidas a múltiplos destinatários. Ao ler um texto bíblico é importante perguntar:

- *Quando e onde se escreveu?*
- *Porque se escreveu?*
- *De que trata o texto?*

No entanto, é importantíssimo saber de que genero literário se trata:

- *É uma história?*
- *É uma poesia?*
- *É uma carta?*

Os Livros da Bíblia foram escritos em vários generos literários. Iremos de seguida referir alguns.

1.5.1. - História e Biografia

O Antigo Testamento tem muitos Livros de História tais como os Livros de Samuel e os Livros dos Reis. No Novo Testamento encontramos os Evangelhos e os Actos dos Apóstolos.

1.5.2. - Lei

Os principais Livros que contém a Lei do Antigo Testamento são : Êxodo, Levítico, Números e Deuteronomio. Estes Livros contém largas passagens onde se enumeram as leis relativas a muitos aspectos da vida.

1.5.3. - Poesia

Alguns Livros do Antigo Testamento foram escritos, em boa parte, em poesia.

São exemplos o Livro de Job, os Salmos e o Cântico dos Cânticos.

O "Magnificat" de Maria é também um exemplo de texto poético no Novo Testamento.

1.5.4. - Profecia

Uma parte considerável do Antigo Testamento é constituída por Livros proféticos.

Isto não significa, necessariamente, que predigam o futuro. Os profetas que escreveram estes Livros pronunciavam-se, principalmente, contra o comportamento dos homens que não respeitavam a Deus e desprezavam a Lei.

1.5.5. - Cartas

Muitos dos últimos Livros do Novo Testamento são cartas de Apóstolos dirigidas a cristãos ou a comunidades, ensinando, aconselhando, estimulando e até repreendendo.

2-GÊNESIS

O Gênesis - que significa Origem em grego - é o primeiro da Bíblia que narra o início de tudo e pode dividir-se em duas grandes partes:

- Deus cria o universo e o gênero humano em plena harmonia com Ele, mas o aparecimento do pecado vai precipitar a decadência da humanidade. (capítulos 1 a 11)
- Deus revela-se aos primeiros homens e escolhe uma família (Abraão e sua descendência) para no seio dela conservar e desenvolver a verdadeira religião - do latim “RELIGARE”, significa “ligar de novo o humano com o divino” . (capítulos 12 a 50)

A criação do céu e da terra (*Gen 1,1-31*) é como que o princípio de uma grande aventura que tem por protagonistas os cinco grandes patriarcas:

- Adão e Noé (*patriarcas do Gênero humano*)
- Abraão, Isaac e Jacob (*patriarcas do povo hebreu*)

2.1 A criação

São muitas as pessoas que param nos capítulos iniciais da Bíblia à procura de respostas para as questões *como* e *quando* é que tudo é criado. Porém, a Bíblia debruça-se sobre aquilo que, alegadamente, é a questão mais importante: quem e porquê? *Quem* criou tudo o que agora existe e *porque* o criou? São perguntas a que o Gênesis responde: o Capítulo 1 refere-se a Deus como o Criador, e o capítulo 2, à Humanidade, como coroa da sua criação.

A CRIAÇÃO DO MUNDO - Gn 1,2

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava vazia e coberta de trevas, e o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.

Deus criou a luz, separou a terra das águas, fez brotar uma grande variedade de plantas, criou o sol e a lua, povoou a terra com inúmeros seres vivos. E viu que tudo era bom, tudo era belo. Depois Deus disse: Façamos o Ser Humano à nossa imagem e semelhança. Domine sobre os peixes do mar, aves do céu, e todo o animal que se move sobre a terra. Deus criou o Ser Humano à sua imagem. Ele os criou homem e mulher. Depois abençoou-os, dizendo: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dou-vos todas as plantas verdes, todas as árvores de fruto, todos os animais da terra e todas as aves do céu como alimento.

Depois de criar o homem e a mulher, Deus viu mais uma vez que tinha feito uma obra bela. Ao sétimo dia, descansou, deixando que o Ser Humano continuasse a sua obra.

A Bíblia diz-nos que o mundo nasceu bom e belo das mãos de Deus. Entregou-o ao homem para que o respeitasse e fizesse dele um Jardim.

2.2 O pecado original

Enquanto os 2 capítulos iniciais descrevem o bem que existe no mundo, o capítulo 3 fala-nos do mal. Uma vez que Deus não quis que os humanos fossem meros robôs, que faziam o bem ao simples toque de um botão divino, a capacidade de escolher. Infelizmente, a Bíblia conta-nos que, ao usar o seu livre arbítrio,

Adão e Eva cometeram um erro terrível, fazendo a única coisa que Deus lhes havia proibido, convencidos de que sabiam mais que Ele. A partir desse momento, e como se vê claramente na Bíblia, a tendência para tomar decisões erradas e agir com egoísmo passou a fazer parte da natureza humana.

ADÃO E EVA Gn 1,26 ss - 3,14

Deus criou Adão e Eva para serem muito felizes e, por isso, colocou-os num maravilhoso jardim com muitas árvores de fruto. Deus disse-lhes: Podeis comer desses frutos. Sois livres. Mas recomendo-vos que não toqueis na árvore do conhecimento do bem e do mal. Ora aconteceu que a serpente selvagem os tentou, dizendo-lhes: se comerdes dessa árvore proibida, ficareis como deuses. Sereis vós a indicar o que é bem e o que é mal! Então a Eva caiu na tentação e foi comer do fruto dessa árvore, e o mesmo fez Adão. Deus, ao ver isto, ficou triste. Adão e Eva sentiram-se envergonhados e esconderam-se. Mas Deus, que é muito bom, não os abandonou. Eles tiveram filhos e dedicaram-se ao trabalho, ganhando o pão com o suor do seu rosto.

Contudo, deixaram de viver num paraíso de felicidade. A sua vida, marcada pelo mal, pelo sofrimento e pela morte, deu-lhes a perceber que não eram deuses.

Consequências do pecado original

O homem, tentado pelo diabo, deixou apagar no seu coração a confiança em relação ao seu Criador e, desobedecendo-lhe, quis tornar-se «como Deus», sem Deus e não segundo Deus (Gn 3, 5). Assim, Adão e Eva perderam imediatamente, para si e para todos os seus descendentes, a graça da santidade e da justiça originais.

Em consequência do pecado original, a natureza humana, sem ser totalmente corrompida, fica ferida nas suas forças naturais, submetida à ignorância, ao sofrimento, ao poder da morte, e inclinada ao pecado. Tal inclinação é chamada concupiscência.

2.3 A decadência da humanidade

CAIM E ABEL Gen. 4.1 ss

Adão e Eva tiveram dois filhos: Caim, o mais velho, que era lavrador, e Abel, o mais novo, era pastor. Os dois irmãos ofereciam o fruto do seu trabalho a Deus. Caim ofereceu as primeiras colheitas e Abel ofereceu o primeiro cordeirinho nascido nesse ano. Aconteceu que Deus gostou mais da oferta de Abel. Por isso Caim andava cheio de inveja e irritado, Alguns dias depois Caim lançou-se sobre o seu irmão e matou-o. Deus encontrou-se com ele e perguntou-lhe: Onde está o teu irmão? Ele respondeu: Sou eu, porventura, guarda do meu irmão? Deus ficou muito triste com esta violência, pois criou as pessoas para viverem em fraternidade.

NOE E O DILUVIO Cf. Gn 6-9

Uma vez, Deus irritou-se ao ver como as pessoas usavam a liberdade para fazer, grandes asneiras. Para as chamar à atenção, decidiu lavar o mundo com um grande dilúvio. Mas, antes que as chuvas

caíssem abundantemente, Deus falou a Noé que era um homem bom, dizendo-lhe: “Para escapares ao dilúvio, constrói uma grande arca, com espaço para ti e toda a tua família, e também para todas as espécies de animais.” Noé assim fez e quando a arca estava completa, as águas começaram a subir. Choveu torrencialmente durante muitos dias e a arca de Noé flutuava. Quando as águas começaram a descer, a arca ficou em terra fixa. Todos saíram e louvaram a Deus por terem sido salvos. Deus disse a Noé: Quando vires o arco-íris a unir o céu à terra, lembra-te que Eu me mantenho em aliança com a humanidade e com todos os seres vivos.

Noé compreendeu como é grande a misericórdia de Deus. Retomou as suas actividades. Ele e os seus filhos, que se chamavam Sem, Cam e Jafet. Por eles foi povoada a terra inteira.

Deus certamente ficará muito triste todas as vezes que vê os homens a utilizar mal a sua liberdade, usando-a para praticar o mal. Isso não lhes dará a felicidade. Os cristãos acreditam que, apesar disso, Ele os continua a amar, lavando os seus corações e é fiel para sempre à sua aliança de amor eterno.

BABEL E A SUA TORRE Cf Gn 11,1-9

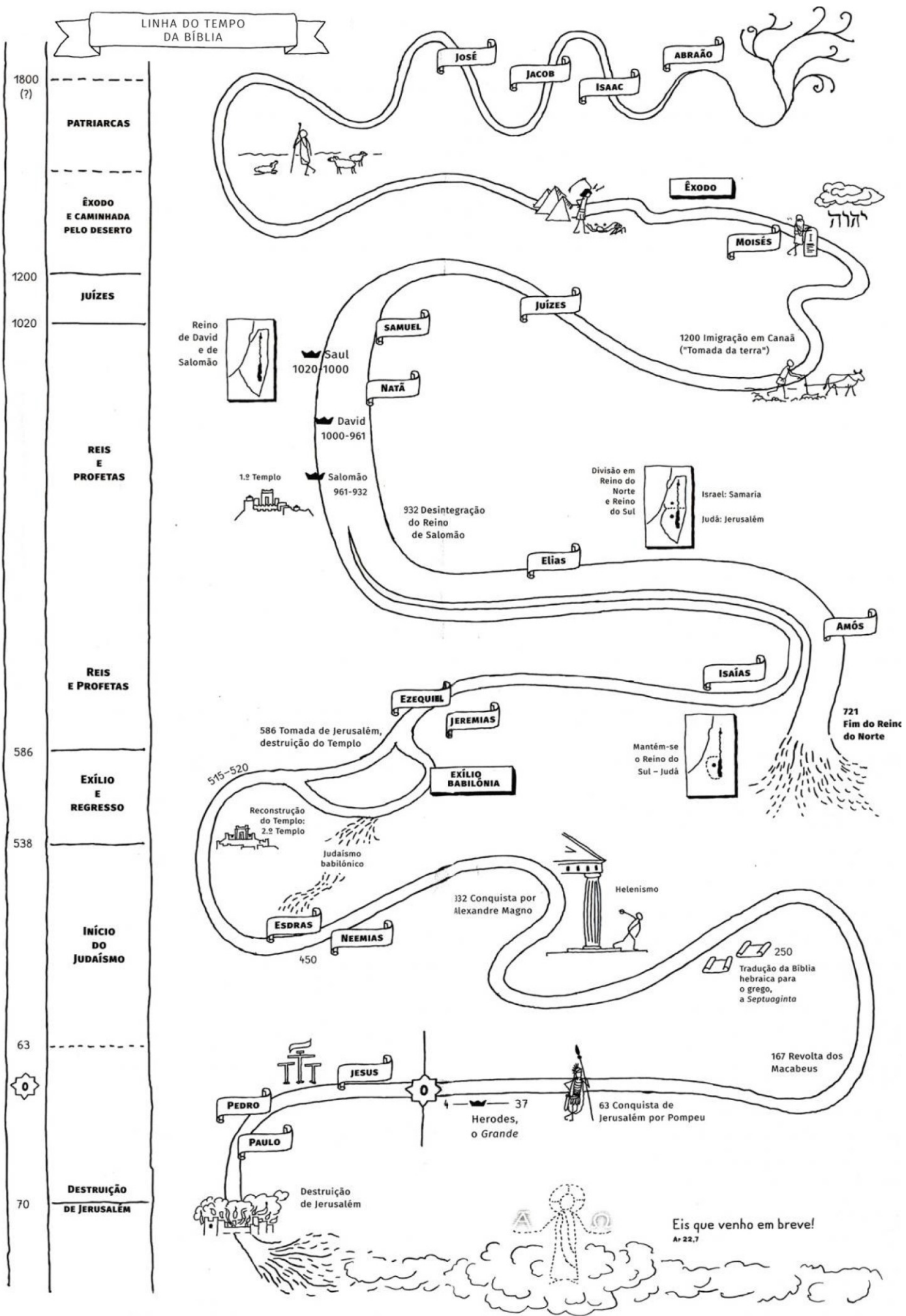
No início da história do mundo, havia somente uma língua. Um dia, as pessoas começaram a dizer umas às outras: Vamos procurar tijolos e façamos uma grande cidade. Ao meio, construiremos uma torre muito alta que chegue até aos céus. Seremos poderosos. Seremos únicos em toda a terra. Todos concordaram com este projecto orgulhoso e individualista. As obras iniciaram-se. Um dia, o Senhor desceu à terra e foi ver a construção. Não gostou do que viu, pois queriam construir apenas uma cidade no mundo, e todos com a mesma língua. Aproximou-se deles e disse-lhes: Vós quereis construir uma cidade única, quereis que todos falem a mesma língua. O meu projecto é que haja povos diferentes com costumes e línguas diferentes. Por isso, irei confundir a vossa língua, de modo que não vos possais entender.

E assim aconteceu. As pessoas não se entendiam e a cidade única de Babel com a sua grande torre não se construíram. Os seus habitantes tiveram de se dispersar por toda a terra, formando povos diferentes, tendo cada qual a sua nação.

Deus não gosta das nações que se julgam mais importantes que as outras, que não respeitam a diversidade dos povos e querem impor às outras os seus costumes.

Todas estas histórias têm a mesma ideia-base: quando a humanidade quer autonomia de Deus, tudo acaba por resultar mal, em tragédia. No final destes capítulos, poderíamos perguntar-nos: mas haverá esperança para a humanidade? A resposta vem na segunda parte do Génesis e é sim! É o começo do projeto de Deus para restaurar o mundo, escolhendo um homem (Abraão), uma família, um povo.

Mas, ainda antes disso, a esperança está vinculada pelo autor sagrado numa mensagem enigmática, que apelidamos de “proto-evangelho”, ou seja, uma boa-nova muito antecipada. Refere-se a uma luta da descendência de Eva com a serpente, que culminará no triunfo do bem. Cristo, com a sua Ressurreição, esmagará a cabeça da serpente, ou seja vencerá o mal e a morte.



3- OS 3 PATRIARCAS DO POVO JUDEU

3.1 ABRAÃO

Para todo o homem, ontem como hoje, a vida humana é uma aventura com a sua parte de desconhecido, de inesperado, de risco, de imprevisível. Nunca se sabe o que nos aguarda o dia de amanhã. Apesar de todas as previsões, é sempre uma incógnita. Esta experiência foi vivida por Abraão. Deus chamou-o a aceitar o risco de um futuro desconhecido, mas com a atitude de confiança em Deus.

Apesar das dificuldades, Abraão acreditou e partiu. Sentia que Deus queria o seu bem. Por meio dele, Deus iria dar início a um povo novo, o povo de Israel, do qual nasceria Jesus.

Os israelitas gostavam de contar de geração em geração as aventuras das grandes personagens do passado que estiveram na origem do povo a que pertenciam. A grande personagem dos primeiros tempos da História deste povo foi Abraão.

Abraão vivia em Ur na Caldeia, estava casado com Sara e não tinha filhos (*Gen 11, 27-30*).

Ouviu a voz de Deus, entrou na aventura e partiu. Confiou nas promessas de Deus. Foram três essas promessas feitas a Abraão: (*Gen 12, 1-9*)

— *Irá para a Terra Prometida.*

— *Terá filhos e netos. Dele nascerá um povo numeroso como as estrelas do céu.*

— *Por causa dele, o nome de Deus será conhecido até às extremidades da Terra.*

E tudo isto é gratuito por parte de Deus. Deus toma a iniciativa de, por pura bondade, tornar-se aliado de Abraão e da sua família. É uma aliança, um pacto de amor que Deus faz. E Deus, mesmo que um dia Abraão e os seus descendentes sejam infiéis, continuará a manter a Sua promessa

Abraão partiu como o Senhor lhe tinha dito, apesar dos seus 75 anos. Levou consigo Sara, sua mulher, o seu sobrinho Lot, os seus rebanhos e todos os seus bens.

A caminhada foi longa e difícil. As dificuldades eram superadas com o auxílio de Deus. Para evitar conflitos familiares Abraão propõe ao seu sobrinho Lot que se separe de si e dá-lhe possibilidade de escolher as melhores terras (*Gen 13 1-8*).

Numa história, quantos mais perigos e obstáculos aparecem ao herói, mais interessante se torna. Na história de Abraão há muitos obstáculos. Um deles é o seguinte: a sua mulher é estéril e Abraão já é idoso. Que se irá passar se ele tem de ser o pai de um grande povo?

O livro do Génesis conta como a promessa de Deus foi renovada, e foi grande a alegria de Abraão, sempre confiante em Deus (*Gen 15, 1-6*).

Deus espera de Abraão uma atitude de confiança, como um amigo confia no seu amigo. Uma atitude confiante que provém da amizade mútua na qual assenta a aliança. Esta atitude confiante está patente no episódio das cidades de Sodoma e Gomorra. Neste episódio surge Abraão que se apresenta diante de Deus numa atitude, não de medo, mas de confiança. Abraão discute, como se faz nos mercados do oriente, e faz que o "preço" desça de 50 para 10 (*Gen 18, 20-23*).

O Deus de Abraão, embora seja perfeitamente justo e santo, e não possa aceitar o mal, é também muito bom para com o homem e perdoa até ao infinito. Ele pode mudar os seus planos e modificar as suas decisões, a pedido dos seus amigos. E assim a cidade é poupada, apenas porque nela se encontram dez justos.

A mesma atitude confiante de Abraão aparece no episódio do sacrifício de seu filho Isaac.

A promessa de Deus cumpriu-se e, Abraão e Sara tiveram um filho chamado Isaac (*Gen 21, 1-8*).

Abraão vai finalmente viver feliz com a sua mulher Sara e o seu filho Isaac, cujo nome significa "Sorriso de Deus".

Porém não termina aqui a história de Abraão nem as suas dificuldades ; Deus sujeitou-o à prova, convidando-o a sacrificar o seu filho.

No tempo de Abraão, o homem dispunha da mulher e dos filhos como bem entendia. Em certos casos, o homem não hesitava em sacrificar um dos seus filhos sobre o altar dos ídolos para ficar mais seguro de alcançar um favor. Eram os sacrifícios humanos que hoje repugnam.

Chegou o momento da imolação, e Abraão, porque é grande a sua fé, está pronto a fazer esse sacrifício humano (*Gen 22, 1-14*) .

Abraão tem confiança absoluta em Deus, embora se sinta mergulhado na escuridão. Mas Deus imobilizou o braço de Abraão, poupando-lhe o próprio filho.

Abraão compreendeu, certamente, que o que Deus quer é a vida das pessoas e não a morte. Ele é um Deus de vivos.

Abraão - considerado o Pai dos crentes - é venerado como antepassado comum das três grandes religiões monoteístas : os judeus, os muçulmanos e os cristãos consideram-se filhos e herdeiros de Abraão.

Os judeus consideram-se descendentes do seu filho Isaac; os muçulmanos consideram-se descendentes do seu filho Ismael (o filho da escrava). Podemos, portanto dizer que a nossa história de cristãos começou há cerca de 4000 anos com um homem: Abraão. A partir de um homem, uma família e um povo, chegámos a Jesus. A partir de Jesus Cristo, somos uma grande fraternidade que reúne pessoas de todas as nações e de todas as raças: a Igreja Católica (que significa universal).

Somos convidados a manter a mesma confiança de Abraão, aquele que primeiro acreditou na Palavra de Deus. Somos filhos de Abraão, mas num título muito superior podemos dizer que somos de facto "Filhos de Deus".

3.2 ISAAC E JACOB

O livro do Génesis conta o fim da história de Abraão e de sua mulher.

Sara morre depois de ter vivido muitos anos, e Abraão compra um terreno com uma gruta para aí sepultar sua mulher.

Isaac casa-se com uma jovem chamada Rebeca, natural do mesmo país de Abraão. Finalmente Abraão morre, depois de uma grande e feliz velhice e, Isaac sepulta-o ao lado de Sara.

A Bíblia, apesar de falar muito pouco de Isaac, conta muitas histórias dos seus dois filhos: Esaú e Jacob. Em primeiro lugar, acontece uma discórdia entre os dois irmãos que eram gémeos mas muito diferentes. Enquanto Esaú prefere a caça, Jacob prefere a tranquilidade da casa e é o preferido da mãe Rebeca. O pai prefere Esaú a quem queria fazer herdeiro. Jacob mais esperto e manhoso que o irmão acabou por levar a melhor e, uma vez, quando o pai já estava cego, conseguiu fazer-se passar por Esaú e o pai prometeu-lhe que seria o principal herdeiro transmitindo-lhe assim o direito de progenitura. Ficou o herdeiro das promessas de Deus (*Gen 27, 1-29*).

E evidente que Esaú não gostou, ficou com um grande ódio ao seu irmão e este teve de fugir para não ser morto.

Jacob foge. Durante essa fuga para casa de seu tio Labão que vivia em Haran, Jacob sentiu que Deus estava com ele e queria fazer dele o sucessor de Abraão.

No sonho da escada de Jacob (*Gen 28, 10-22*) ele vê uma grande escadaria que ligava a terra ao céu, e por onde subiam e desciam inúmeros mensageiros.

Que significa isto? É uma forma visual de dizer que Deus interveio na vida de Jacob seu eleito. De facto, nesse tempo, levantavam-se grandes torres nas grandes cidades da Assíria, em Ur, na Babilónia. Erguiam-se grandes torres com muitíssimos degraus, que pretendiam ligar o templo situado na base á morada de Deus colocada no cimo. Pretendiam ligar o Céu à Terra.

Jacob vive em baixo e Deus está colocado infinitamente acima dos homens. Mas entre Deus e os homens existe uma ponte. Jacob vive em comunicação com Deus, o Deus da Aliança.

Jacob fica a trabalhar em casa de Labão e casa-se com uma das suas filhas chamada Raquel e tiveram muitos filhos. Mas, porque enriqueceu, os filhos de Labão começaram a tratá-lo mal e Jacob foi obrigado a partir juntamente com a mulher e os filhos.

Labão ao ter conhecimento da fuga de Jacob foi ao seu encontro. Lamentou as condições em que Jacob fugiu, mas fizeram as pazes.

O problema agora é Esaú. Jacob não se sentia feliz, pois faltava-lhe fazer as pazes com o seu irmão. Decidiu enviar mensageiros a Esaú, a anunciar-lhe o regresso. Os mensageiros vieram contar a Jacob que viram Esaú com muitos homens prontos para a luta. Jacob teve medo e rezou: "Deus de Abraão e de meu pai Isaac proteja-me da cólera de meu irmão Esaú".

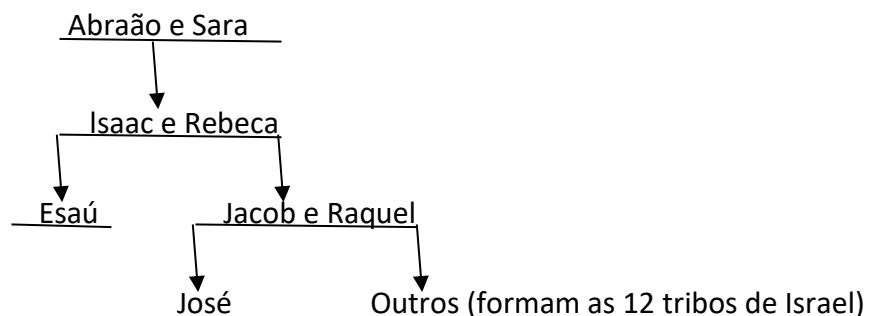
Na manhã seguinte teve uma ideia: "Vou preparar muitos presentes para dar ao meu irmão. Enviá-los-ei por meio de mensageiros. No final irei eu. Certamente que ficará satisfeito e me perdoará" (*Gen 32, 14-22*).

Numa dessas noites de expectativa Jacob vive horas difíceis. Tudo são trevas à sua volta. Sente-se num túnel escuro. Luta toda a noite com um personagem misterioso. Quem seria esse desconhecido? O certo é que esse acontecimento marcou a sua mudança de nome. Passou a chamar-se Israel que significa "Aquele que lutou com Deus" (*Gen 32, 23-33*).

Israel tornar-se-á, mais tarde, no nome próprio do povo hebreu. Ainda hoje o nome de Israel designa o estado fundado pelos judeus em 1948, no território dos antigos patriarcas.

Após o episódio da luta com o anjo, Jacob sente-se confiante em Deus, sente que Deus está do seu lado. Enfrenta Esaú com coragem e humildade e consegue aplacar a cólera do irmão (*Gen 33, 1-10*).

Jacob (Israel) é sobretudo um homem que anda na presença de Deus, que vive em união com Deus, que vive em sintonia com Deus.



4-JOSÉ

O livro do Génesis fala dos filhos de Jacob, que foram doze, e deram origem às doze tribos de Israel. Refere-se de modo particular aos dois últimos: José e Benjamim. Mas todos eles, apesar das muitas dificuldades, conservam a sua fé no Deus de Abraão.

A história de José é também daquelas tradições transmitidas de boca em boca, durante séculos. À força de ser contada, foi sendo embelezada e rendilhada com pormenores e factores verdadeiramente encantadores. No entanto, o mais importante, é captar a mensagem dessas páginas recheadas de episódios onde se mistura o histórico com o lendário. E a mensagem é a seguinte: Deus chama as pessoas a uma aventura de fé, prometendo-lhe a felicidade e estas, embora não sejam melhores do que as outras, procuram manter-se fiéis a este Deus amigo.

Dos doze filhos de Jacob, José foi o mais importante; o mais novo chamava-se Benjamim.

Diz-se que, por inveja dos seus irmãos, José foi vendido como escravo.

Os irmãos quiseram ver-se livre dele. Despojam-no e atiram-no para dentro de uma cisterna (*Gen 37, 12-36*).

José, fiel a Deus apesar das dificuldades, acabou mais tarde por se tornar num poderoso administrador do Faraó. Teve todo o êxito.

José passa da perseguição e do sofrimento para a salvação. Depois de rejeitado e vendido pelos seus irmãos, torna-se ministro do reino do Faraó, rodeado de glória. José até teve oportunidade para se vingar dos seus irmãos. Estes, cheios de fome, foram pedir-lhe, sem o reconhecer, que lhes desse trigo. Mas José conheceu-os. Eram os irmãos que o tinham vendido. Apesar de tudo não quis qualquer vingança e perdoou-lhes de todo o coração (*Gen 45, 1-8*).

Num mundo cruel e sem piedade, este homem chama a atenção para a necessidade do perdão a todos, até aos próprios inimigos. José proclama que é necessário ser misericordioso, porque o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob também é misericordioso.

José tem um comportamento moral irrepreensível. Ele é um homem providencial que salva o seu povo da fome e lhe assegura o grande desenvolvimento e bem-estar nas terras do delta do Nilo.

Todas estas narrações referentes aos antepassados do povo de Israel devem ser hoje lidas à luz de Cristo. Deste modo, José, perseguido pelos irmãos, é a imagem do inocente perseguido que perdoa aos seus algozes, e ainda por cima se toma o seu Salvador. Ele inaugurou, assim, a grande lei do perdão, que será distintivo dos que querem ser seus discípulos. Trata-se de amar até ao perdão total, porque só o amor verdadeiro e autêntico se revela mais forte que o ódio.

Não se ama verdadeiramente, quando não se sabe perdoar.

5-MOISÉS

Como vimos, os filhos de Jacob foram parar ao Egito devido a uma grande fome. Formou-se aí um povo numeroso que, no princípio, até era bem visto pelos Egípcios. Mas esta simpatia durou pouco tempo.

O Egito fica no Norte de África e é atravessado por um grande rio que torna este país próspero : o rio Nilo. Este rio desagua no Mediterrâneo, em forma de delta. Nesse tempo o Egito era governado pelos faraós, senhores absolutos. Estes mandavam construir grandes pirâmides que serviam de túmulos e, como eram religiosos, também mandavam construir templos grandiosos. Tinham uma escrita própria.

Os faraós tinham necessidade de muitas pessoas para edificarem os seus monumentos e, aperceberam-se que o povo hebreu constituía uma mão d'obra barata. Os hebreus tiveram que trabalhar nessas construções e, pouco a pouco, as suas condições de vida foram piorando. Levavam uma vida de escravidão insuportável. O faraó Ramsés II ordenou, ainda, que todas as crianças do sexo masculino, ao nascerem, fossem atiradas ao rio Nilo. Apenas se deixavam com vida as meninas. Teria o povo hebreu possibilidades de sobreviver?

A Bíblia diz que uma criança escapou ao genocídio organizado pelo monarca do país (*Ex 2, 1-10*).

Moisés é um nome que significa "salvo das águas". Ele cresceu e viu como os seus irmãos de raça eram condenados a trabalhos forçados. Não suportava tanta injustiça. Um dia viu um egípcio a bater num hebreu com toda a crueldade. Então não se conteve e matou o egípcio, escondendo o seu cadáver na areia.

Na manhã seguinte viu dois hebreus a lutar. Meteu-se na contenda para fazer as pazes, mas estes ficaram ainda mais furiosos com ele e denunciaram-no

Moisés fugiu para a terra de Madian. Aí tornou-se o defensor dos fracos. Ficou a viver em casa de Jetro e casou com uma das suas filhas chamada Séfora, da qual teve um filho.

Longe do Egito em que pensaria Moisés? Lembrar-se-ia ainda dos seus irmãos que sofriam no Egito?

A sua vida tranquila foi perturbada, porque Deus tinha para ele um grande projecto (*Ex 3, 1-15*).

Esta é uma das mais lindas narrações da Bíblia. Moisés gostaria de recusar esta missão. Até diz: "Senhor, eu não tenho jeito para falar. Começo a gaguejar".

Mas Deus diz-lhe: "Eu estarei contigo. Quando tiveres de falar indicar-te-ei o que deves dizer".

Moisés resiste, e Deus irrita-se e diz-lhe que peça ajuda ao seu irmão Aarão. Moisés decide, finalmente, ir para o Egito. Despede-se do sogro e parte.

Moisés chega ao Egito e vai ter com o faraó, levando-lhe o recado de Deus, mas ele não compreendeu esse projecto. Deu ordem para que os hebreus fossem ainda mais escravizados. Sair do Egito? Nem pensar!... Moisés parece desanimado, mas Deus insiste na libertação dos hebreus.

A Bíblia conta a lenda das dez pragas do Egito, isto é, das calamidades que Deus mandou ao faraó, a fim de o forçar a deixar partir o povo hebreu.

Os peixes do rio Nilo morreram; houve uma invasão de mosquitos e gafanhotos; uma epidemia dizimou os animais e uma geada destruiu as colheitas; os egípcios foram atingidos por uma doença de pele; durante três dias o país esteve numa escuridão total. O faraó ia prometendo que os deixava partir, mas não cumpria, e vinha outra praga maior.

Finalmente veio a maior das calamidades; uma epidemia mata os filhos mais velhos de cada família egípcia. Desta vez o faraó deixa partir esse povo.

O livro da Bíblia chamado "Êxodo" conta a libertação do povo judeu. Um "êxodo" é uma viagem, muitas vezes difícil, que faz uma população que sai de um lugar onde se sente infeliz para ir para outro lugar onde poderá viver em paz.

O Êxodo do povo hebreu acontece quando ele saiu do Egito pelos anos 1250 - 1230 antes de Cristo.

Conta-se que os hebreus, antes de partir, comeram de pé o cordeiro da festa da Páscoa. Estavam na atitude de quem viaja, com o cajado na mão. E partiram em plena noite, sem que houvesse tempo para o pão levedar. Assim partiram para a liberdade. Páscoa significa "passagem". Os hebreus passaram a celebrar a Páscoa como memorial dessa passagem da escuridão para a liberdade. Os livros santos descrevem esse ritual (*Ex 12, 6-11*).

O pão ázimo da festa pascal dos judeus recorda esse pão que não chegou a levedar. Ainda hoje os judeus celebram a Páscoa, dando-lhe o significado de festa ao Deus libertador.

O livro do Êxodo conta que o faraó se arrependeu de ter deixado partir os hebreus e foi atrás desse povo com um grande exército.

O povo ficou aflito: "Moisés, olha que eles vêm atrás de nós para nos matar"! E Moisés respondeu: "Não tenhais medo! Ireis ver o que Deus vai fazer para nos salvar" (*Ex 14, 5-15.20*).

Deus toma partido pelo povo, utilizando as forças e os fenômenos da natureza. Deus libertou o seu povo, fazendo-o escapar da fúria dos perseguidores. Esta libertação foi tão importante para o povo hebreu, que a tradicional festa da "Páscoa" passou a partir de então a ter novo significado.

Já existia desde tempos anteriores a Moisés a festa da Páscoa com o significado de "travessia". Era quando se deixavam as regiões ressequidas, para se ir com os rebanhos para verdes pastagens primaveris. Era uma festa de pastores, por ocasião da Primavera.

Nesta festa da Páscoa, matavam um cordeiro e pintavam com sangue os mastros das tendas, para afugentar os espíritos maus. Além disso, ceifavam as primeiras cevadas e faziam um pão novo sem fermento: era o pão ázimo, isto é, não levedado com a massa velha da colheita anterior. Era uma festa repetida no início da Primavera.

Com a saída do Egito esta festa toma um sentido novo.

O rito do pão ázimo lembra-lhes o acontecimento dum povo que encontra a sua independência, fugindo do opressor com tanta pressa, que nem tem tempo para o pão ser levedado.

O rito do sangue do cordeiro com que marcam os umbrais das portas lembra como as casas dos hebreus foram poupadas á epidemia mortal, que atingiu até o filho do faraó. A "Páscoa" passa a ter um significado "histórico". E a celebração desta libertação vinha dar ao povo a consciência de que Deus está ao seu lado, com ele caminha.

6- A ALIANÇA DE DEUS COM O SEU POVO

6.1 - A ALIANÇA NO DESERTO

Entre o Mar Vermelho e a terra de Canaã estende-se o deserto do Sinai, terra de areia e rochas, com algumas montanhas abruptas. Os oásis são raros.

A Bíblia diz que o povo hebreu andou quarenta anos pelo deserto antes de chegar à terra prometida. E uma forma de dizer que esta caminhada durou muito tempo. Este tempo de caminhada no deserto foi um período terrível. O povo sofreu a fome, a sede, os combates e os desânimos. Por isso, queixou-se frequentes vezes a Moisés e, foi tentado a abandonar a sua confiança em Deus. Mas este tempo de deserto foi também um tempo maravilhoso durante o qual aconteceu aliança.

Não se conhece exactamente o itinerário seguido pelos hebreus mas, foi sem dúvida uma prova dura para aquela gente vinda do delta do Nilo.

Seriam talvez quatro a cinco mil pessoas e tiveram de se habituar à vida nómada, procurar os alimentos necessários, defender-se de animais perigosos e de salteadores. Revoltam-se contras Moisés, e desafiam aquele Deus que queria a sua libertação e a sua felicidade.

Com este povo vai um homem extraordinário chamado Moisés. Ele consegue ir resolvendo todas as dificuldades surgidas com a fome e com a sede. E, quando o povo se revolta e sente saudades da terra da escravidão, mesmo nesses momentos Moisés consegue serenar o povo.

Mas Moisés além de solidário com o seu povo, é também um homem de Deus. Ele conversa frequentemente com Deus, como um amigo fala com o seu amigo.

Um dia, Moisés até pediu a Deus para ver o Seu rosto (*Ex 33, 18-23*) ; (*Ex 34, 6-9*). O Antigo Testamento insiste nisto: Deus é de tal maneira belo, grande e santo, que ninguém o pode ver sem morrer de alegria, de espanto. Nem sequer Moisés pôde olhar para o Seu rosto.

Mas o povo, apesar de ter um grande chefe que era muito amigo de Deus, por vezes revoltava-se. O povo recusava-se a compreender toda essa dedicação de Moisés, e todo o amor que Deus lhe tinha. Contudo apesar desta ingratidão, Deus nunca retirou a Sua amizade.

Quando tiveram fome Deus fez "cair do céu" o "maná" que era uma espécie de goma adocicada e comestível de certas tamargueiras do deserto. O nome de "maná" vem da expressão "Mana Hou" que quer dizer: "O que é isto?" Era o que os hebreus diziam, desconfiados, quando viam cair "pão", dom de Deus (*Ex. 16. 1-35*).

A travessia do deserto foi um tempo de dificuldades. Mas foi também um tempo de reflexão, de descobertas, de organização.

Os hebreus vindos do Egipto não formavam um grupo unido, e muitos deles tinham-se esquecido do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob.

O livro do Êxodo conta que, durante a travessia do deserto, aconteceu algo de extraordinário: a aliança entre Deus e o Seu povo. E situa esta aliança no Monte Sinai, uma montanha de 2400 metros de altitude (*Ex 19, 1-19*).

Já com o seu antepassado Abraão havia sido concluída uma aliança na qual só Deus se comprometia. Verdadeiramente era sobretudo uma promessa da parte de Deus, que pedia apenas a Abraão uma atitude de confiança.

No Sinai tratava-se agora de um contrato em que as duas partes se comprometiam, numa aliança semelhante às que na época se faziam entre dois chefes que se aliavam para utilidade mútua.

Deus vem ao encontro do Seu povo para realizar com ele uma aliança. Um acontecimento tão extraordinário, que o Êxodo o descreve como tendo decorrido num cenário majestoso de luz e som (relâmpagos e trovões). Mas os crentes do Antigo Testamento sabiam que Deus pode vir ao encontro das pessoas com toda a simplicidade.

Esta aliança foi um acto de amor de Deus que, de entre tantos povos da terra, escolhe precisamente este povo para amar de um modo especial, a fim de que todos os povos da terra descubram que Deus é Amor.

6.2 - O SANGUE DA ALIANÇA

Numa aliança há cláusulas a cumprir por ambas as partes. São as formas concretas de provar que ambos querem permanecer em aliança, sendo fiéis ao que prometeram.

O livro do Êxodo e o livro do Deuterónimo contêm as leis que indicam como se pode viver em aliança com Deus. E muito conhecida a lei das dez palavras, ou os Dez Mandamentos (*Ex 20, 1-17*).

Deus apresenta-se como Aquele que libertou o povo. Trata-se, portanto, fundamentalmente de não perder essa liberdade, recorrendo a ídolos, em vez de recorrer ao verdadeiro Deus.

Convém recordar que, enquanto as quatro primeiras cláusulas se referem a Deus, a quem se deve amar e adorar, as outras seis referem-se à moral universal, que os egípcios e os habitantes da Babilónia já conheciam. São normas que pertencem à chamada lei natural, que todo o homem deve cumprir, pois está inscrita no coração do homem, e é válida para todos os tempos e lugares.

Não roubar, não cobiçar os bens do próximo, não matar, não mentir, não jurar falso, não cometer adultério, 'respeitar os pais, tudo isto são normas que os outros povos já aceitavam. Mas, ao serem inscritas no código da aliança, indica-se que estas normas são a vontade de Deus a respeito dos homens. Nisto consiste a novidade.

Este código da Aliança estava escrito em tábuas de pedra. Era o contrato celebrado entre Deus e o Seu povo. Foi guardado num cofre de madeira de acácia do deserto, coberto de placas de ouro. Era a Arca da Aliança. Por cima dois estranhos personagens alados com cabeça de homem e corpo de leão.

Era proibida qualquer estátua a representar a Deus. Nenhuma imagem O podia representar.

A Arca da Aliança devia acompanhar o povo através do deserto. Uma tenda maior e mais ornamentada servia-lhe de santuário. Era o "Tabernáculo".

O povo prometeu obedecer ao código da Aliança e Moisés, para ratificar essa promessa feita solenemente, aspergiu com sangue dos animais imolados o povo reunido junto do altar.

Deus e o povo unidos numa Aliança para sempre (*Ex 24, 3-11*).

Fazer um sacrifício é oferecer alguma coisa a Deus. Na Bíblia são referidos duas espécies de sacrifícios: os holocaustos e os sacrifícios.

Nos holocaustos oferecia-se a Deus um animal inteiro. O animal era morto e depois queimado totalmente sobre o altar do templo.

Nos sacrifícios, uma parte do animal queimava-se e a outra parte comia-se. Uma parte para Deus e outra para o homem.

Em ambos os sacrifícios, o sangue era recolhido. Com ele se aspergia o altar e o povo. Foi assim que se fez na festa da Aliança. Por isso se fala no sangue da Aliança. Com Cristo acabarão estes sacrifícios.

O povo continuou a sua marcha. Por vezes o povo esqueceu esta aliança.

Conta-se até que o povo chegou a obrigar Aarão a fabricar um ídolo de ouro. Quando Moisés teve conhecimento de tal acto, irritou-se e os culpados foram castigados. Este povo chegou finalmente às fronteiras da terra de Canaã. Foi aí que morreu Moisés. Antes, porém, dirigiu importantes conselhos ao povo, recordando-lhe a fidelidade a Deus e o cumprimento dos Mandamentos.

6.3 - A FIGURA EXEMPLAR DE MOISÉS

Moisés ao longo destas narrações, aparece como confidente de Deus, o mediador entre Deus e o Seu povo. Encontra-se com Deus como um amigo se encontra com o seu amigo. Fala-lhe com confiança. Apresenta-lhe as suas queixas. Pede que lhe mostre a Sua glória.

O crente de hoje é convidado a viver em intimidade com Deus, e a viver em relação de amizade com Deus. A isto chama-se vida de oração.

Também Moisés é verdadeiramente solidário com o seu povo. Faz-se seu advogado, e conhece as suas limitações, as suas tristezas e alegrias, e as suas angústias e esperanças. Tão solidário com esse povo que dirá a Deus: "Por que Te indignas com este povo que é o Teu povo, e que fizeste sair do Egipto?"

(Ex 32, 7-8)

O crente de hoje é convidado a ser solidário com os seus irmãos, sofrendo com os que sofrem e alegrando-se com os que estão alegres. Afinal, estas duas atitudes são as grandes atitudes de quem quer viver hoje em aliança com o Senhor.

7 – O PERÍODO DOS JUÍZES

Depois da longa travessia do deserto, os Israelitas entram na Terra Prometida por volta do ano 1200 antes de Cristo. Essa terra a conquistar estava ocupada pelos Cananeus. Era formada por um mosaico de minúsculos estados independentes. Era uma civilização evoluída e onde os habitantes gozavam de certo bem-estar. Tinham os seus ídolos aos quais prestavam culto.

Foi difícil o enfrentamento com os Cananeus, Guiados por Josué as tribos vão-se instalando conforme podem e foram necessários dois séculos para se estabelecerem definitivamente na Terra Prometida.

O povo de Israel foi tentado, por vezes a deixar a fidelidade ao Deus de Abraão e Moisés, para prestar culto aos ídolos mas, cada vez que caía, reconhecia as suas faltas e voltava-se para o seu Deus.

Deus, durante o período difícil de conquista do território, protege o Seu povo. Dá-lhe os Juízes, isto é, chefes transitórios que intervêm para orientar este povo e o encaminhar para as melhores decisões.

O livro dos Juízes cita uma dezena desses homens inspirados, desenvolvendo largamente as histórias de Débora, Gedeão, Jefté, e sobretudo Sansão.

Estes homens carismáticos conseguiram restituir um pouco de fé religiosa e muita esperança ao seu povo. Preparam a realeza que forjará, nos reinados de David e de Salomão, a unidade nacional.

8 –O REINO DE ISRAEL

Os reis deste povo escolhido serão por ordem cronológica: Saúl, David e Salomão. Séculos mais tarde, um humilde descendente do rei David, chamado José, será esposo da Virgem Maria, da qual nasceu Jesus.

8.1 –O PRIMIERO REI: SAÚL

A vida era dura para as tribos de Israel que tinham de conquistar palmo a palmo a terra de Canal ocupada pelos Cananeus. Tinha de combater esses ocupantes que eram fortes e chegaram até a apoderar-se da Arca da Aliança. Algumas tribos unem-se e conseguem grandes vitórias.

Um dia, os principais chefes das tribos foram ter com um homem muito respeitado chamado Samuel e pediram-lhe um rei: "Dá-nos um rei que nos governe. Todos os povos têm um rei".

Samuel era considerado por todos como um vidente e um profeta, e nesse momento em que não se fazia sentir uma verdadeira autoridade política em Israel, Samuel representava o poder religioso. Era através dele que Deus comunicava a Sua vontade ao povo. Atento ao querer de Deus e ao desejo do povo, Samuel tudo encaminhava para que a unidade das tribos sob uma mesma autoridade se tornasse uma realidade.

Foi Samuel que sagrou o primeiro rei: Saúl (*1 Samuel 10, 17-24*). Saúl tinha medo, pois a sua missão era difícil e perigosa e perdia assim toda a tranquilidade. Mas apesar disso aceitou. Formou um exército e lançou-se em guerra contra os ocupantes, ajudado pelo seu filho Jonatan. O rei de Israel não era nada parecido com os grandes reis de Nínive e da Babilónia com os seus fabulosos palácios. Os reis de Israel eram apenas servidores ao serviço do povo escolhido, fazendo observar a Lei da Aliança que Deus deu a Moisés no Sinai. O povo compreendia que somente Deus era o Rei e o Soberano de todos os povos da terra, o único digno de ser servido. Saúl pareceu a Samuel o homem do momento. Contudo o rei tomou medidas tais, como a de fazer da guerra um empreendimento, uma profissão, que desagradaram ao profeta, até ao ponto de cortarem relações.

Infelizmente Saúl adoeceu e tinha ataques de loucura. Então os seus servidores tiveram a ideia de chamar para junto dele um jovem músico chamado David, para lhe tocar citara e o entreter. David tornou-se muito popular.

8.2 – O REI DAVID

É então que surge a figura de um jovem pastor de Belém, apontado, escolhido e sagrado pelo profeta Samuel. Várias tradições falam da forma como David foi escolhido; o certo é que David foi objecto de escolha divina desde a sua juventude. Esta a certeza que tinha o seu povo.

Foi ungido por Samuel, que derramou nele azeite depositado num chifre. O chifre é o símbolo da força, Este homem fica com a força de Deus. O azeite é óleo que penetra profundamente na carne. Este homem fica possuído pela Divindade.

Todos os episódios que se contam de David, antes da morte de Saúl, devem ser lidos na Bíblia com sentido crítico, procurando captar a mensagem profunda. O povo exagera facilmente quando conta as façanhas dos seus heróis (*I Samuel 17, 1-52*). No combate de David com Golias encontramos esta mensagem: o homem com toda a sua força, habilidade e valor das suas armas, é nada diante de Deus, quando julga que pode prescindir Dele, ou, pior ainda, quando O combate. David combatia em nome do Deus de Israel. Parecia que tudo corria bem a David. Casou com uma filha do rei Saúl chamada Mikal e, tornou-se amigo íntimo de Jonatan. Mas Saúl, doente e com a mania da perseguição, queria matar David. O rei chegou a mandar guerreiros a sua casa, mas David, avisado disso, fugiu e escapou assim a uma morte certa.

David passou a levar uma vida errante, procurando escapar aos perigos, mas sem pensar jamais em se vingar de Saúl. Ele era o rei, era o escolhido de Deus. Um dia, Saúl e o seu filho Jonatan são mortos numa batalha contra os Filisteus.

David, que também era poeta, compôs um poema em sua memória. Estabeleceu-se em Hebron. Foi aí que a tribo de Judá o aclamou rei. As outras tribos ficaram fieis à dinastia de Saúl, e o chefe dos exércitos proclamou como rei um filho de Saúl chamado Ischbaal.

Seguiu-se uma luta entre os que apoiavam David e os outros da dinastia de Saúl. Venceu David, que assim se tornou o rei de todo o povo de Israel. Foi sagrado pelo profeta Samuel (*I Samuel 16, 1-13*).

Não obstante os defeitos do rei Saúl, este cumpriu uma missão importante; foi sobretudo um unificador, começando a fazer do povo disperso em tribos, uma nação. Esta tarefa é continuada por David.

Os crentes do Antigo Testamento tinham a certeza que, por detrás de todas essas lutas estava a mão de Deus. Ele dirigia os destinos da história. Mais uma vez escolhia um jovem simples para uma grande missão entre o Seu povo.

A primeira preocupação de David foi encontrar uma capital. Escolheu Jerusalém, cidade situada no alto de uma montanha, a 800 metros de altitude.

Inicialmente, Jerusalém era apenas uma fortaleza chamada "Sião", palavra que quer dizer "cidade" e "lugar de refúgio". Daqui o chamar-se frequentemente a Jerusalém "Sião".

David teve que conquistar Jerusalém, que estava bem fortificada e ocupada pelos Jebuseus.

Após a conquista, David começou por construir novas muralhas. Mais tarde, fez construir um palácio com materiais preciosos. Jerusalém tornou-se uma bela cidade, mas David compreendeu que faltava uma coisa: fazer da capital uma "Cidade Santa", para entrar verdadeiramente na história do seu povo. Para isso, concebeu a ideia de trazer para aí a Arca da Aliança. Quando a Arca da Aliança entrou na cidade santa de Jerusalém, fez-se uma grande festa (*II Samuel 6, 1-23*).

Ao tornar-se "Cidade Santa", todas as tribos aí iam em peregrinação. Encontravam-se, conheciam-se, estabeleciam laços de amizade. A cidade tornou-se um lugar de encontro com Deus, e de encontro dos povos entre si.

David tinha consciência que Deus o tinha escolhido para governar o Seu povo. Considerava-se um servidor de Deus, e queria que se mantivesse viva a aliança entre o povo e Deus.

O rei David, profundamente religioso, louvava a Deus com hinos e orações. Muitos dos Salmos da Bíblia são atribuídos ao rei David.

David é uma personagem simpática, mas a Bíblia não esconde a sua fraqueza.

Conta como ele cometeu uma grande falta e como ele se arrependeu (*II Samuel 11 e 12*). David deixou-se apaixonar pela mulher de Urias, chamada Betsabé. Por interesses egoístas, manda que Urias seja morto, mas o corajoso profeta Natan denuncia o seu pecado, contando-lhe a célebre parábola do rico com muitos rebanhos, que rouba ao pobre a única ovelha que tinha, para servir o jantar aos seus convidados. O rei David afirma a sua nobreza pela maneira como reconhece o seu pecado: "Pequei contra Deus". O pequeno pastor e guerreiro corajoso, que gostava de dançar diante da Arca da Aliança, era também um pecador como todos os homens.

Conta-se que o rei cantor compôs expressamente um Salmo para pedir perdão a Deus. É o Salmo 50, que ainda hoje os cristãos recitam, pois todos somos pecadores e necessitados de perdão.

8.3 O REI SALOMÃO

Os últimos anos de David não foram fáceis. Nos bastidores do palácio quantos conflitos, rivalidades, manobras, pequenas e grandes conspirações. Mas o rei conserva até ao fim a sua grande fé em Deus. Sucede-lhe Salomão, fruto do seu casamento com Betsabé. Foi ele o ungido com a unção real, ficando por esse facto com uma autoridade sagrada. Era o representante de Deus.

No reinado de Salomão, o reino conheceu uma grande prosperidade. Mandou construir um magnífico Templo, uma casa para o Senhor. O povo de Israel pode agora orgulhar-se, pois tem uma terra, um rei e um Templo.

É famosa a sabedoria de Salomão. Numa passagem, duas mulheres discutiam sobre um bebé, cada qual dizendo ser a mãe dele. Salomão mandou cortar o bebé ao meio e dar a cada mulher uma metade. Mas a verdadeira mãe contestou de imediato, dizendo que a criança deveria ser dada à outra mulher. Salomão viu então claramente que a mãe verdadeira era a mulher compassiva e deu o menino a ela. Todo o Israel logo ficou sabendo dessa decisão judicial e o povo reconheceu que Salomão tinha sabedoria divina.

Infelizmente, com o tempo Salomão deixou de agir em harmonia com a sabedoria de Deus, desobedecendo-lhe. Casou-se com centenas de mulheres, incluindo muitas que adoravam deuses estrangeiros. Aos poucos, o coração de Salomão se desviou para a adoração de ídolos.

Depois da morte de Salomão, no ano 931 antes de Cristo, houve de novo o problema da sucessão. Uns querem o seu filho Roboão, enquanto outros preferem Jeroboão. Não há unanimidade e a terra de Israel fica dividida em dois reinos: o Reino do Norte (Israel) cuja capital é Samaria e tem Jeroboão como rei; o Reino do Sul (Judá) fica com Jerusalém como capital e o seu rei é Roboão filho de Salomão.

Esta separação, que irá durar duzentos anos, foi um tempo durante o qual nem sempre os reis procuraram viver em aliança com Deus.

9-PROFETAS

A divisão do povo de Israel em dois reinos não foi saudável. Durante este período de cisma, tanto os reis como os súbditos esqueceram muitas vezes que o essencial era viver em aliança com Deus, e obedecer ao código da Aliança. Voltam as costas ao Deus único que se revelou no Sinai, e rezam a outros deuses. No Templo chegam a instalar imagens de divindades pagãs, como Baal ou Astarté. É então que surgem os Profetas, tanto no Reino do Norte como no do Sul. Procuram reagir contra a falta de fidelidade a Deus. Chamam a atenção do povo e dos reis, ameaçando-os com castigos.

A Bíblia refere-se ao Profeta Elias, que defende valorosamente a tradição de Moisés; ele próprio vai em peregrinação ao monte Horeb. Um século depois, surgem grandes Profetas: Amós, Isaías, Jeremias, Ezequiel.

9.1 – AMÓS (Reino do Norte)

O Reino do Norte situava-se numa região bastante fértil. Era grande o progresso a nível económico, mas as crises políticas eram contínuas, e a crise religiosa não era menos grave. As pessoas perdiam a sua fé no Deus único, e adoptavam o culto e os costumes pagãos.

Surgiram então os Profetas, isto é, homens que Deus envia ao Seu povo, para lhe falar em Seu nome. Neste Reino do Norte surge o Profeta Amós. É um pastor do sul da Palestina que sente dentro de si a urgência de ir anunciar aos habitantes do Reino do Norte o que Deus pensa da sua maneira de viver. E este homem não tem "papas na língua"! Quando surgiu este Profeta, as pessoas da capital, que era Samaria, viviam instaladas na abundância. Construíam para si casas magníficas, com móveis preciosos. Aproveitavam ao máximo a riqueza mas, ao lado destes ricos, havia gente miserável e os ricos não pensavam neles. Não partilhavam com eles os seus bens e havia uma grande injustiça social. O Profeta surgiu para denunciar esta maldade, e fê-lo em nome de Deus (*Amós 5, 21-24*).

O Profeta, embora de origem humilde, pois era um pastor, encheu-se de fortaleza para denunciar o egoísmo dos ricos, defendendo a dignidade de toda a pessoa humana. Num dia de peregrinação ao santuário de Betel, um dos lugares sagrados deste Reino, ele toma a palavra diante de uma grande multidão, dizendo-se encarregado de uma missão pelo Deus de Abraão e de Moisés. Profere então violentas críticas contra o governo, denuncia a decadência dos costumes e prediz a deportação e o exílio para o povo. O responsável do santuário pergunta-lhe com que autoridade ele fala, e o Profeta responde: "Eu era pastor de ofício, e foi Deus que me foi buscar e me deu esta missão".

O Profeta estava bem ao corrente do que se passava nesse Reino do Norte: as injustiças cometidas naqueles tempos de prosperidade, em que os corações se afundavam no materialismo numa vida demasiado fácil, eclipsando quase totalmente o sentido religioso, e o sentido da fraternidade e da justiça. Amós também avisou que, se não se convertessem, aconteceriam desgraças. E assim aconteceu.

Cerca de vinte anos depois da morte do rei Jeroboão II, o Reino do Norte foi conquistado pelos Assírios, a capital foi tomada e todos os grandes do Reino foram deportados (*Amós 7, 12-17*).

A mensagem do Profeta Amós ainda é actual, pois há pessoas desonestas e injustas que participam em celebrações cristãs e esmagam os pobres.

9.2 – ISAÍAS (Reino do Sul)

O Reino do Sul, ou de Judá, também teve os seus Profetas. De facto, embora os habitantes do Reino do Sul sejam, à partida, os descendentes da dinastia de David, e tenham o Templo em Jerusalém que é o símbolo da presença do Senhor, nem sempre foram fieis à Aliança. Por isso se levantam alguns Profetas a denunciar o mal, e a tentar chamar o povo para a missão que recebeu como povo eleito.

No Reino do Sul existia sobretudo o formalismo ritual, isto é um culto a Deus feito de rituais que, embora solenes em nada influenciavam o modo de viver das pessoas.

Existiam, também, as imoralidades, isto é, as atitudes de vida contrárias aos mandamentos da Lei de Deus. Por volta do ano 765 antes de Cristo nascia em Jerusalém um jovem chamado Isaías. Isaías não é um pastor como Amós. Pertence a uma família nobre, habita em Jerusalém e é conselheiro do rei.. Fala com o soberano quando quer e com toda a liberdade. Pelo ano de 740 antes de Cristo, este homem dá-se conta que tem vocação de profeta, precisamente quando assistia a uma cerimónia no Templo que tinha sido construído por Salomão. De repente, sacerdotes e demais assistência desapareceram da sua vista, o Templo transfigura-se e a presença de Deus torna-se visível. É-lhe dado contemplar uma réstea da glória de Deus. Esta experiência de Deus transforma-o interiormente, tal como o ferro mergulhado no fogo se transforma numa brasa. Isaías toma-se o "Homem de Deus", que passará a julgar as coisas e os acontecimentos pela sua óptica (*Isaías 6, 1-9*). Isaías ficou perturbado com esta visão, mas não hesitou. O temor do Profeta não significa medo; é a surpresa que sente ao ver que Deus é Santo, e ele é tão pecador. Mas Deus está com ele para purificar os seus lábios de toda a impureza.

O Profeta denuncia sobretudo as intrigas políticas, recordando que a única garantia de salvação do povo é a fidelidade ao Deus da Aliança. Repreende severamente o rei Acáz porque se deixou influenciar pelos costumes pagãos. É muito conhecida a profecia do "Emanuel". Isaías anuncia ao rei Acáz que irá nascer uma criança, a quem será dado o nome de "Emanuel", que quer dizer "Deus connosco". O Profeta anunciava assim que nascerá um herdeiro do trono de David, respondendo assim aos que sonhavam aniquilar esta dinastia da qual nascerá o Salvador (*Isaías 9, 1-6*).

Apesar de todas as repreensões, as coisas não acontecem como o Profeta esperava. Sempre guerras e sempre injustiças. Apesar de tudo, Isaías acredita que Deus será sempre fiel. Um dia nascerá uma criança que trará ao mundo a paz. Virá reconciliar a humanidade com Deus. Será o Messias que todos esperam e será descendente de David (*Isaías 11, 1-9*). Com Jesus um novo mundo começou a germinar.

9.3 - JEREMIAS

Passaram-se 100 anos depois do Profeta Isaías. Durante este tempo continuaram as guerras entre as grandes nações desse tempo: Egipto, Assíria, Babilónia. No ano 605 antes de Cristo, Nabucodonosor, rei da Babilónia, alcança uma retumbante vitória sobre os Assírios. Agora começa a pairar uma grande ameaça sobre o Reino de Judá.

Mas na capital deste Reino, Jerusalém, as pessoas andam distraídas. Dizem confiantes: "Deus protege a nossa cidade; não vale a pena preocuparmo-nos. Ele habita no mesmo Templo e não permitirá qualquer desgraça". E eis que aparece um homem que discorda desta passividade, deste comodismo. Chama-se

Jeremias e fala com coragem ao rei e ao povo. Anuncia para o Reino de Judá grandes tragédias, se as pessoas não forem fiéis à Aliança.

Jeremias era sacerdote de um santuário não muito distante de Jerusalém. É um homem tímido e muito sensível. Um dia, no seu íntimo, ouve o apelo de Deus.

Não teve uma visão-êxtase grandiosa como Isaías, mas compreende que Deus o escolhe e conta com ele. Jeremias interroga-se sobre o que está a acontecer. Não se sente preparado e declara-se incapaz. Mas Deus insiste e garante-lhe que terá todo o auxílio bem necessário, pois é chamado a uma missão muito difícil que durará cerca de 40 anos (*Jeremias 1, 4-10*).

O Profeta acolheu com amor o convite que Deus lhe dirigiu. Apesar de ser ainda jovem, confiou totalmente em Deus, com a certeza que lhe daria o Seu Espírito. Jeremias irá insurgir-se com veemência contra tudo isto, gritando que não basta prestar culto a Deus no Templo para se poder viver em segurança e paz. E necessário evitar o mal: não roubar, não matar, não cometer adultério... E, porque as pessoas pareciam preferir viver na maldade, o Profeta Jeremias pega, um dia, numa bilha de barro e vai quebrá-la solenemente diante do povo, dizendo: "Eis o que vai acontecer a Jerusalém e aos seus habitantes. Serão destruídos como esta bilha".

Os grandes Profetas da Bíblia viveram, quase todos, um drama de consciência que os atormentou. A sua missão, que não desejaram mas que Deus lhes confiou, era imperiosa. Era neles como "um fogo devorador". Deviam falar ao povo em nome de Deus e dizer muitas vezes coisas difíceis de ouvir. Uma situação desconfortável. Parece que o mais angustiado foi o Profeta Jeremias. De facto ele viveu num tempo difícil do Reino de Judá, quando se aproximava o tempo da deportação para a Babilónia. E, apesar da sua palavra, que era um apelo à conversão e mudança de vida, ele vê que tudo continua na mesma. Por isso, o futuro será, forçosamente, catastrófico, mas, ao ver o trabalho de um oleiro, o Profeta recupera a esperança. Deus pode mudar de ideias em qualquer momento. Ele é o oleiro (*Jeremias 18, 1-12*).

O povo está nas mãos de Deus, como o barro está nas mãos do oleiro. Ele poderá fazer com que não aconteça nada de mal, e Jerusalém pode ser salva dos inimigos. Basta que as pessoas se convertam.

E as pessoas converteram-se? Não. Por isso, no ano de 598 antes de Cristo, o exército de Nabucodonosor cerca Jerusalém. A cidade cai, e o rei respeita o povo de Israel, deixando-lhe um novo rei da sua confiança chamado Sedecias. Mas este rei, passados alguns anos, revolta-se contra o rei da Babilónia. Vem de novo Nabucodonosor, e desta vez Jerusalém é destruída. Queimam o Templo e massacram muita gente. Muitos dos habitantes são deportados para a Babilónia. Foi nessa altura terrível que o Profeta fez um maravilhoso convite à esperança, e anuncia que Deus irá perdoar ao Seu povo (*Jeremias 31, 31-34*).

Jeremias anuncia ainda a vinda do Messias, que realizará uma nova Aliança.

9.4 - EZEQUIEL

Quando foi a primeira deportação para a Babilónia, entre os deportados contava-se o Profeta Ezequiel. Aí esteve como deportado nessa cidade situada junto das margens do Eufrates, a cerca de 25 Km de Bagdad, capital do actual Iraque.

Ao chegarem aí os deportados, depois de marcados com ferro em brasa como escravos, foram dispersos. Enquanto a família real ficou na cidade, os outros foram enviados para os trabalhos agrícolas. O sacerdote Ezequiel passou a trabalhar num canal de irrigação.

Os israelitas procuraram situar-se neste novo ambiente, e alguns conseguiram viver em grande prosperidade. Contudo, sentiram sempre que estavam numa terra estrangeira. Alguns Salmos expressam o sofrimento e a angústia destes deportados (*Salmo 137*), Longe do seu país, privados da sua casa e do seu trabalho, este povo vivia certamente numa profunda tristeza. Tinham perdido, inclusivamente, o que para eles era mais precioso que tudo: o Templo onde Deus habitava.

Mas com eles está o Profeta da esperança. Ezequiel, que era sacerdote do Templo de Jerusalém, cinco anos após a sua chegada à grande Babilónia, começa a dar que falar. Tornou-se num Profeta de Deus.

Ezequiel é um Profeta visionário. E, ao ver Deus nas suas visões, ele tem uma certeza: o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob não está presente apenas no Templo. Ele está também com os deportados naquela terra de exílio. O Senhor habita o Seu povo, mais que num templo, por mais sumptuoso e sagrado que ele seja. O tempo do exílio foi verdadeiramente um período privilegiado para compreender que o homem pode encontrar a Deus na fé, mesmo fora de qualquer recinto destinado ao culto.

Os judeus mesmo no seu exílio, reúnem-se aos sábados em casa de um ou de outro, e o Profeta Ezequiel que é sacerdote, fala-lhes. Diz-lhes coisas duras, mas muitas vezes consola este povo (*Ezequiel 36, 22-28*). O Profeta vai alimentando a esperança, Deus irá consolar o Seu povo. Este povo voltará à sua terra, e um dia todos os povos, graças ao povo de Israel, conhecerão o verdadeiro Deus.

O Profeta Ezequiel, com muita imaginação, descreveu uma visão espectacular. Uma visão onde aparecem ossos ressequidos e dispersos, os quais se cobrem de carne. Uma visão para significar que, apesar da situação de morte em que o povo se encontra, a última palavra pertencerá à vida (*Ezequiel 37, 1-14*). O que parece impossível aos homens, é possível a Deus. Este povo viverá.

No ano de 538 antes de Cristo, um decreto do rei Ciro autorizou os exilados a regressar ao seu país.

Ezequiel é também um Profeta que fala do grande amor de Deus ao Seu povo. Compara Deus com o bom pastor, com o verdadeiro pastor que guia o seu rebanho, procurando a ovelha infiel.

E, juntamente com Jeremias, anunciou que o Senhor reuniria o Seu povo disperso e o reconduziria a Jerusalém. A vida e obra de Jeremias e Ezequiel só se compreende se se tiver em conta que na época, no Médio Oriente, religião e política estavam intimamente ligadas.

Na mentalidade desses povos é a Divindade quem conduz os acontecimentos. Os reis, para isso, deviam estar atentos ao que diziam os Profetas que eram os porta-vozes de Deus.

Se estes Profetas voltassem, teriam uma mensagem ainda muito actual para os tempos de hoje.

Combateriam o nosso culto aos ídolos: o dinheiro, o prazer, o conforto, o poder, o culto à pessoa... Denunciariam a falsa segurança dos crentes formalistas e intolerantes que, fechados nas suas tradições e morais, permanecem cegos ao que é fundamental. Mas diriam, também, que por cada um de nós, palpita o amor intenso de Deus. Ele ama-nos muito, apesar das nossas faltas.

10 - REGRESSO A JERUSALEM - O TEMPLO E A LEI

O cativo da Babilónia tem um fim. No ano 539 antes de Cristo cai o império da Babilónia. O império persa passa a dominar toda esta região do mundo. O seu chefe chama-se Ciro. Foi um grande conquistador persa e era um homem leal e liberal. Respeita a religião de cada um dos povos que vai conquistando. Em 538 antes de Cristo, um ano após a sua entrada na Babilónia, Ciro permite que voltem ao seu país de origem todos os que quiserem, ajudando-os inclusivamente com ofertas em dinheiro. A Bíblia dá-lhe um grande elogio. O édito de Ciro desencadeia um movimento de euforia e, começaram imediatamente os preparativos para o regresso a Jerusalém. É um novo êxodo

Apesar de tudo muitos preferem ficar na Babilónia mas, a maioria regressou com cânticos de alegria, de libertação (*Salmo 126*). Sob o comando de Zorobabel e de Josué chegam a Jerusalém e, a sua alegria transformou-se em decepção. A cidade e o Templo tinham sido reduzidos a um montão de ruínas. Além disso, não foram muito bem recebidos pelos que aí se encontravam instalados. Uma desilusão. Mas agora era preciso meter mãos à obra. Era necessário realizar um trabalho difícil de restauração.

O primeiro cuidado dos israelitas é o de reconstruir o Templo. Inicialmente foi a edificação de um altar no meio das ruínas, para oferecer os sacrifícios rituais. Seguiu-se o lançamento da primeira pedra para a restauração do Templo.

Os que tinham ocupado o país durante a sua ausência procuravam impedir o trabalho. Os trabalhos, parados por algum tempo, foram retomados no reinado de Dário sucessor de Ciro, e terminados com a participação do erário público. Em 518 é a inauguração deste segundo Templo, por certo muito menos grandioso que o de Salomão, mas que será a glória de Jerusalém nos séculos seguintes.

Sob a direcção de Zorobabel e de Josué, a vida retoma o seu curso em Jerusalém.

O primeiro é um alto comissário, enquanto o segundo é um Sumo Sacerdote. São dois poderes paralelos, que não durarão muito. Todo o poder de Jerusalém irá repousar sobre a cabeça do Sumo Sacerdote.

Seguiu-se a reconstrução das muralhas da cidade. Foi Neemias quem se encarregou de tornar a cidade bela e próspera (*Esdras 4. 5. 6.*).

Mas não basta tornar o Templo belo e a cidade bem fortificada. É preciso que as pessoas conheçam a Lei e a pratiquem. Um judeu chamado Esdras organizou uma grande cerimónia, com a finalidade de recordar ao povo a importância da Lei de Deus. De facto, mais importantes que as paredes, eram os corações das pessoas, era a vida em aliança com Deus (*Neemias 8*). As pessoas comovem-se ao ver como tinham esquecido a Lei, e não a tinham praticado. Era preciso, daqui em diante, levar uma vida nova. Esdras não ameaça as pessoas com castigos; anuncia que Deus estará pronto a perdoar, sempre que o povo se arrepender e decidir viver uma vida nova. Nessa vida em aliança estará a felicidade. Existiu um grande Profeta entre o povo de Israel que ajudou o povo a preparar-se para a vinda do Messias. Não se sabe o seu nome, e os seus escritos encontram-se na terceira parte do livro de Isaías. Ele explica a missão do futuro Messias: virá anunciar a Boa Nova aos pobres. Realizará uma aliança eterna (*Isaías 61, 1-11*).

O Profeta continua com outros textos onde diz que é urgente que os corações se renovem, que todos se decidam a viver em santidade.

Não chegam as festas grandiosas do Templo; é preciso viver na justiça, na fraternidade, no serviço aos outros. Os judeus esperam pelo Messias anunciado. Uns julgam que ele será um rei poderoso, que alcançará grandes vitórias e fará da Palestina um povo livre e forte. Outros, porém, têm critérios diferentes. Acreditam que ele virá na simplicidade e na pobreza. Frágil e desarmado como uma criança. O Profeta Zacarias diz que virá montado "num jumento" (*Zacarias, 9*).

Jesus conhecia certamente este texto. Por isso, quis entrar na cidade de Jerusalém como um verdadeiro pobre de Deus, no domingo de Ramos.

10.1 -DANIEL

Durante estes últimos séculos que precederam a vinda de Jesus, o povo judeu conheceu terríveis perseguições. Quando o país caiu nas mãos dos sírios, o rei Antíoco IV quis impôr a cultura grega e pagã aos judeus. Aboliu todos os privilégios reconhecidos aos judeus, proibiu que se guardasse o dia de sábado e a circuncisão e instalou no Templo uma estátua do ídolo Zeus.

Enquanto uns resistem passivamente, outros aderem à revolta armada. E assim Judas Macabeu e os seus filhos pegam em armas e conseguem conquistar Jerusalém. Surge a dinastia dos Macabeus.

Contudo, entre os judeus, havia muita discórdia e divisão, é neste contexto que surge o livro de Daniel. Ele descreve de uma forma simbólica os duros acontecimentos que se vivem e anuncia uma libertação próxima. As histórias contadas na primeira parte do livro tinham o objectivo de inculcar esperança e fé nos judeus perseguidos por Antíoco IV (sec II a.c.) e assediados por outros perigos. Assim como Deus protegera Daniel e os seus companheiros de todos os perigos e ameaças, assim faria também com os outros judeus fiéis à lei. Uma dessas histórias fala de Daniel e dos seus companheiros, que escapam milagrosamente ao suplício. É um livro de esperança.

Daniel utiliza na segunda parte do livro um género literário chamado "apocalíptico", uma palavra que significa "revelar". Esses povos gostavam de enigmas. E neste livro há muitas descrições simbólicas, visões, números. Mas, em todas essas visões há uma mensagem única: um gigantesco combate entre Deus e as forças do mal. No final da luta, o Senhor triunfará definitivamente e, os que estiverem com Ele entrarão na glória (*Daniel 12*). Uma mensagem de esperança para os que suportavam as perseguições do rei Antíoco IV. A vitória final seria de Deus e do Seu povo.

É interessante verificar como o povo judeu quis reagir à cultura grega dominante nas regiões onde viviam muitos judeus, e compilaram o que era a sabedoria, aquela que deve ter quem tem fé em Deus. Referimo-nos ao livro da Sabedoria, que surgiu por volta do século I antes de Cristo, na colónia de judeus de Alexandria. O judeu sublinha que o importante aos olhos de Deus é ser justo. Só o justo viverá eternamente. E o povo de Israel deve dar testemunho dessa vida na justiça aos outros povos.

E eis que está Jesus para chegar, Ele que é chamado o Verbo de Deus!!